

Educação em museus é o meu elemento. Sinto-me como peixe na água. Acordo todos os dias com uma imensa vontade de trabalhar “de novo”. Levo a minha vida toda inteira comigo e regresso inteira e mais rica, mais unificada para a família. Não sei onde começa e onde acaba esta história de ser uma profissional da educação em museus. Sinto-me longe do total entendimento e significado que esta vocação acarreta. Uma aprendizagem diária, já de longo curso, alicerçada na prática, está sempre no horizonte. Ela tem a experimentação e a reflexão como praia onde as marés trazem e levam, sem cessar, novos materiais de todos os cantos do mundo.

Como peixe na água em 2011, acontece-me muitas vezes sentir o peso dos biliões de litros de água salgada onde nado e procuro alimento. São oceanos de informação sobre as minhas barbatanas... quase as imobilizam! Há também a velocidade das correntes com que chegam e partem actualmente as informações; não consigo reter nem imaginar os infinitos metros cúbicos de conhecimentos que assim se esvaem... Procuro outro ângulo de visão, tenho uma condição vital para viver bem, vivo de forma apaixonada esta profissão, estou no meu elemento (1). Não vou sucumbir aos oceanos de informação, antes selecciono algumas referências-chave para sentir o pulsar das vibrações mais fortes que me chegam e impelem, como nunca, a nadar com a corrente. Refiro-me à corrente oceânica, em que podemos mergulhar para nos sobre centrarmos por uns momentos e revisitarmos o tema educar, entendido como desenvolver, tirar de dentro, estimular, exercitar as capacidades e qualidades intelectuais, morais, físicas e sociais de cada pessoa. Na educação muitas mudanças estão em curso. Redimensionar e renovar implicará, antes de mais, sentir-lhes o peso.

**As oportunidades de aprendizagem começam cada vez mais cedo e prolongam-se pela vida fora.** Os primeiros seis anos de vida são considerados vitais para a formação e desenvolvimento de cada um. Vivências e estímulos sensoriais e emocionais adequados a um desenvolvimento equilibrado são cada vez mais precocemente incentivados. Por outro lado, constatamos que a família atravessa tempos de desagregação. As crianças são “caldeadas” na vida em família e numa sucessão de ambientes, onde a creche, o jardim-de-infância e a escola tomam cada vez mais tempo, e tudo isto ao longo das primeiras etapas do crescimento. Estas instituições estão abertas a parcerias que possam enriquecer o leque de aprendizagens das crianças.

Os museus podem corresponder triplamente a este desafio: atrair a pequena turma a participar em programas continuados, noutra tempo cativar a família e noutra, dedicar-se exclusivamente aos educadores e ainda aos pais.

Muitos programas pontuais em museus são encarados como uma forma de desenvolver estas aproximações. Uma campanha de longo curso, que implique uma participação intergeracional, que envolva activamente e atraia as famílias aos museus pode vir a ser muito útil. Lembro aqui 10 anos consecutivos da campanha The Big Draw! no Reino Unido (2). Iniciativas como esta são capazes de uma transversalidade absolutamente imprescindível para enraizar e disseminar praticas valiosas para a educação e para a vida.

Os museus que estiverem estruturalmente motivados e preparados para acolher estes públicos, serão capazes de preparar abordagens únicas, criativas, pertinentes e permanentes. Terão uma planificação sustentada que permitirá à escola e à família explorar e construir de modo personalizado, autónomo, e ao seu ritmo, experiências em torno dos objectos. Acautelarão também uma programação com momentos específicos, resultantes de parcerias colaborativas, cruzando no museu a cultura material com diferentes áreas do conhecimento e das expressões. Vir ao museu será um programa tão natural e apelativo como ir ao cinema, à praia ou ao zoo... e influenciará a forma atenta, crítica e saborosa de viver o cinema, a praia e o zoo. Servir estes públicos é em 2011 uma tarefa com uma linha de investigação-acção no horizonte. Redes são necessárias.

**A participação activa, o envolvimento da vontade, são absolutamente necessários ao processo de aprendizagem.** Não existem lugares neutros e os museus seguramente não o são, mas podem proporcionar experiências abertas, apelativas e relevantes neste processo.

Lugares acessíveis e aprazíveis para visitantes de diferentes idades e origens. Lugares onde a criatividade se exerce, antes de mais, na interpretação das obras.

Hoje é impensável que o conhecimento possa ser simplesmente absorvido e armazenado. O conhecimento é activamente construído por cada indivíduo. Os objectos são uma fonte de descoberta de si próprio e dos outros, de curiosidade, de formulação e resolução de interrogações que ajudarão à construção do conhecimento, à descoberta de valores e de práticas geradoras de identidade. Os museus como lugares de maravilha, mas também de confronto com a nossa natureza, as nossas dúvidas, debilidades e dependências. Os museus só serão verdadeiramente lugares de enraizamento e transformação se cativarem a participação activa das suas audiências.

**A aprendizagem outrora centrada no professor, centra-se agora no aluno.** Da mesma forma, a museologia outrora dominada unicamente pelo estudo dos objectos, centra-se hoje, também, no estudo dos públicos. Interessa-lhe comunicar criativamente a partir desses mesmos objectos com públicos específicos e atender às suas necessidades particulares. Isto implica estudar as características e motivações dos públicos e ter a consciência de que estes construirão as suas próprias representações. Eles são construtores de significados. A sua visita ao museu é simultaneamente um ponto de chegada e de partida.

**No passado as políticas educativas privilegiaram o modelo educativo baseado no pensamento lógico-dedutivo.** Provavelmente foi esse o modelo que nos assistiu até concluirmos uma licenciatura ou outro grau académico. Segundo Ken Robinson este modelo desperdiça imenso potencial criativo, algo que não pode continuar no futuro. Sobre este assunto podemos ler com gosto este autor em Out Of Our Minds, reflectir sobre as implicações e consequências deste modelo e avançar considerando critérios e objectivos para a formulação de outros modelos que contemplem um desenvolvimento integral (3).

A ideia redutora de que as capacidades académicas eram sinónimo de inteligência, evidenciando como pouco inteligentes os alunos que não correspondiam ao modelo, também está posta em causa. Howard Gardner, com a sua teoria das inteligências múltiplas, diz-nos que a natureza da inteligência não se reduz a um único tipo, mas antes, a uma multiplicidade de inteligências (4). Não só a inteligência de cada um “toca muitos instrumentos” como os museus estão repletos de objectos que o atestam. Como os colocamos nas “mãos” dos públicos? À luz desta teoria que abordagens vamos incentivar para corresponder a esta multiplicidade de inteligências?

As manifestações culturais e artísticas proporcionadas pelos museus podem ser tão desafiantes do envolvimento do pensamento lógico-dedutivo como do pensamento intuitivo e da inteligência emocional. O contacto com os objectos reais é propício ao desenvolvimento de novos interesses e “paixões”. Os museus são reconhecidos lugares de inspiração. Isso vale para todos os públicos ou só para alguns? Museus decididamente a caminho da inclusão?

**O actual entendimento sobre a natureza da inteligência e da aprendizagem impõe-nos somar ao currículo académico tradicional outras aprendizagens. A tecnologia e as artes estão de forma inequívoca convocadas para o futuro da educação.** As artes deverão assumir um papel muito mais significativo no sistema educacional. Nesta matéria os museus cabem naturalmente em inúmeras parcerias e triangulações. Esperamos que instituições educacionais e culturais venham ter connosco ou avançamos com propostas próprias?

**Por fim ao tópico educar acrescentamos o motor de todas estas modificações, a revolução tecnológica. Questionamo-nos sobre o que a educação em museus pode ensinar à geração “always on”.** E como o devemos fazer? Facultar fontes de informação, documentais, multimédia, e colaborar na partilha do conhecimento. Creio que nesse aspecto os museus estarão cada vez mais totalmente “on” na partilha da informação gerada. Sem dúvida, temos de educar para que se tire o maior partido das tecnologias. Também nós precisamos de o fazer e este é um grande desafio para os museus e para a educação em museus.

O trabalho de campo da educação em museus é específico, e é no âmbito dessa especificidade que encontraremos o contributo a dar, aquele que fará a diferença e que nos caracteriza. Trata-se de apoiar uma educação holística, integral, em que o prazer da

descoberta e da reflexão sobre os objectos acrescenta valor e entusiasmo ao processo de formação, desde o início e ao longo da vida. Nesse contexto a nossa tarefa será a criação de situações e de meios capazes de estimular e treinar a sensibilidade, as capacidades críticas e criativas de cada um. Os meios de descoberta e as aprendizagens que formos capazes de orientar, os conteúdos que produzirmos, as actividades que potenciarmos não só deverão estar bem fundamentadas como precisam de ser escolhas criativas. Metodologias criativas engajarão os públicos e no longo curso poderão permitir que a sua própria criatividade saia e se revele. Este é o nosso chão e move-se! Move-nos?

**Para apanharmos a corrente de 2011 temos de articular o tema educação com o que pode significar hoje educação em museus.** Documentos de referência que urge ler, reflectir e aplicar. Sugiro que nos encontremos para partilhar estas reflexões:

*Road Map for Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century* (5). É um documento saído da Conferência Mundial sobre as Artes na Educação de 2006. Assinala a consciência cultural e a criatividade como os dois grandes alvos para melhorar a qualidade da educação no século XXI. Sustenta o valor das artes na educação em todas as sociedades e a necessidade de implementação de programas educacionais para as pessoas de grupos sociais desfavorecidos. Afirma a necessidade de desenvolver as capacidades criativas nos jovens. Declara que a importância dada às artes na educação vai permitir a integração das artes nos sistemas educacionais. O mapa é uma moldura teórica e prática que nos pode guiar na procura de critérios e estratégias para uma educação de qualidade. Os museus podem e devem redimensionar, renovar e fortalecer a sua colaboração de modo sustentado à luz desta referência.

Na sequência do mapa é igualmente imprescindível reflectir sobre o Relatório Final da Segunda Conferência Mundial das Artes na Educação de 2010, Seul, 28 Maio 2010 (6).

Este documento define 3 metas para o desenvolvimento das Artes na Educação:

Meta 1. Assegurar a acessibilidade das artes na educação como um componente fundamental e sustentável de um renascimento de alta qualidade na educação.

Meta 2. Assegurar que as actividades e os programas de artes na educação são de alta qualidade na concepção e na execução.

Meta 3. Aplicar os princípios e as práticas da arte na educação para contribuir para a resolução dos desafios sociais e culturais que o mundo enfrenta hoje.

Reflectir para redimensionar e renovar a partir destas correntes favoráveis, com referências concretas e tópicos claramente enunciados pode, naqueles museus que tardam em corresponder ao actual contexto, trazer definitivamente o papel educacional e social dos museus para o centro nevrálgico, onde teoricamente já muitos concordam que está.

Saio da imensidão oceânica e centro-me agora no caso português.

Procuro prioridades no plano estratégico do Ministério da Cultura/ IMC para a educação em museus.

Procuro articulações entre Ministério da Cultura e Ministério da Educação. Conheço um projecto em curso, da iniciativa do Ministério da Educação, o «Programa de Educação Estética e Artística» que está a ser implementado em vários museus. Outros programas poderão estar em execução. Quem faz o levantamento, a avaliação, o mapa, o “observatório” destas iniciativas?

Subo um rio deste Portugal e procuro agora uma ferramenta de gestão, uma moldura de acção educativa num museu. Não basta que eu sinta a função educacional como vital e transversal. Preciso de clarificar intenções, identificar as prioridades dessa instituição em matéria de educação.

No seu museu como é entendida a “Educação”?

Qual é o papel educacional desse museu?

Qual é a política de educação e onde está expressa? Ela deveria indicar as intenções da organização e as suas prioridades.

Quais os objectivos-chave para 5 a 10 anos?

Qual o plano de acção educativa para os próximos 3 a 5 anos? Ele permite que os objectivos traçados se alcancem e avaliem?

Quais as estratégias?

Em que áreas da museologia colabora o serviço de educação?

Vestir a missão educativa como uma luva e torná-la transparente passaria por cada museu redigir a sua política de educação. Entre nós a enorme resistência à realização dessa ferramenta de gestão tem adiado a clarificação e a caracterização de metas educacionais bem como dos contornos de actuação dos serviços de educação em museus. Seguramente muitos museus já definiram o seu perfil educacional ainda que não o tenham fixado num documento escrito. Para esses a redacção de uma política de educação seria o momento de explicar e divulgar os seus objectivos de forma clara e de modo a poderem ser citados. Para outros museus seria o momento de tomada de consciência da singularidade da sua missão educacional e social. Essa reflexão permitiria definir o carácter, as prioridades e o rumo da educação dentro da instituição e no contexto actual. Como peixe na água já vi barcos sem rumo...diz-se que "barco sem rumo não sabe o que é vento favorável". Também já vi barcos de cabotagem, navegam com a costa à vista e isso lhes basta. Mas com uma tão favorável corrente oceânica e em terra de marinheiros, seria uma pena não ousarmos uma visão mais ampla.

Façamo-nos ao largo e seguindo as propostas enunciadas em *Writing a Museum Education Policy* (7) passemos em revista os conteúdos que urge definir em ordem a uma política educativa para um museu.

**Audiência:** Das potenciais audiências definir os grupos alvo para tentar corresponder de forma adequada às suas necessidades.

**Recursos/ verbas:** Que colecções, pessoal, tempo, espaços, equipamento, financiamento e orçamento próprios para a educação temos?

**Tipos de serviço:** Definir os programas e actividades a oferecer aos públicos definidos como alvos durante um período de 3 a 5 anos, caracterizando cada serviço, qual é, a quem se destina, quem vai providenciar esses serviços, como, onde, quando, à acerca de quê e qual a mais-valia para as pessoas.

**Papeis e funções da educação dentro do museu:** Assegurar as necessidades da educação é matéria do foro decisório da gestão que deve garantir os recursos adequados e o cruzamento da educação com as diversas áreas da política geral do museu: colecções, pessoal, investigação, visitantes, gestão (marketing, loja, publicações, formação).

**Formação e treino:** Identificar necessidades de formação e estar atento ao leque de formações disponíveis. O serviço de educação pode colaborar na formação de outros grupos dentro do próprio museu, colegas, voluntários.

**Redes externas:** Criar a melhor rede de contactos possível para servir os públicos alvo identificados.

**Avaliação:** Antes, durante e depois da implementação da actividade ou do material concebido.

Como peixe na água tenho muito que aprender. Enquanto não encontro resposta para estas questões de " identidade museológica", foco-me na questão da criatividade. Procuo, vivo e mergulho avidamente em tudo o que possa estimular e fortalecer a minha frágil constituição; gosto de objectos porque estes me falam de pessoas e é de pessoas que eu gosto! Persevero, tento aplicar no contacto com os outros o potencial criativo que metodicamente persigo.

Diariamente, pergunta a si próprio se o desempenho e a acção educativa do seu museu atraem como um íman a criatividade? A sua, a dos colegas, a dos parceiros, a dos públicos?

1 Hudson, Ken with Lou Aronica. *The Element How Finding Your Passion Changes Everything*, Penguin Books, 2010

2 The Caimpain for Drawing, <http://www.thebigdraw.org/>

3 Hudson, Ken. *Out Of Our Minds Learning to Be creative*, Capstone, 2001

4 Gardner, Howard, *Frames of Mind: The theory of Multiple Intelligences*, Fontana, London, 1993

5 *Road Map for Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century*. Lisbon, 6-9 March 2006, UNESCO

6 *Final Report of The Second World Conference on Arts Education* by Prof. Larry O' Farrell, General Rapporteur of the Conference, Seoul, 28 May 2010, UNESCO

7 *Writing a Museum Education Policy*, ed.Eilean Hooper-Greenhill, Department of Museum Studies, Universidade de Leicester.1991